

Educação, valores afro-civilizatórios e a atividade afroreferenciada como caminho de cuidado para infâncias negras

RESUMO: Este trabalho é um relato de experiência de estudantes do projeto de extensão universitária Identidades Abertas, do Laboratório Ise/UFRJ. Tem como objetivo apresentar a potência do acesso de crianças e adolescentes em cuidado em saúde mental de um serviço público na cidade do Rio de Janeiro às atividades afroreferenciadas e com elas a construção de valores afro-civilizatórios. O estudo evidencia a importância de uma educação afroreferenciada e das parcerias entre universidade e serviços de saúde pública tomando como metodologia uma abordagem qualitativa e participativa. Tem como resultado a importância da educação antirracista para a promoção da igualdade racial desde a infância e conclui-se que as atividades afroreferenciadas se mostram um caminho promissor para a construção de um futuro mais justo e igualitário para crianças negras.

Palavras-chave: educação; racismo; antirracismo; infâncias negras; matriz africana.

Leandra Pires de Souza
Universidade Federal do Rio de Janeiro
leandrapires160@gmail.com

Marcia Cabral da Costa
Universidade Federal do Rio de Janeiro
marciadacosta@medicina.ufrj.br

Stefanie de Fátima Rodrigues
Universidade Federal do Rio de Janeiro
stefaniedefatimarodrigues@gmail.com

Education, Afro-civilizing values and afro-referenced activity as a path of care for black childhoods

ABSTRACT: This work is an account of the experience of students from the university extension project "Open Identities," of the Ise/UFRJ Laboratory. Its objective is to present the power of access to Afro-referenced activities for children and adolescents receiving mental health care from a public service in the city of Rio de Janeiro, and through them, the construction of Afro-civilizational values. The study highlights the importance of Afro-referenced education and partnerships between universities and public health services, using a qualitative and participatory approach as its methodology. The results demonstrate the importance of anti-racist education for the promotion of racial equality from childhood, and it concludes that Afro-referenced activities show promise for building a more just and egalitarian future for Black children.

Keywords: Education; Racism; Anti-racism; Black childhoods; African heritage.

Educación, valores afrocivilizadores y actividad afroreferenciada como camino de atención a las infancias negras

RESUMEN: Este trabajo narra la experiencia de estudiantes del proyecto de extensión universitaria "Identidades Abiertas" del Laboratorio Ise/UFRJ. Su objetivo es mostrar el poder del acceso a actividades con referencia a la

cultura africana para niños y adolescentes que reciben atención de salud mental en un servicio público de Río de Janeiro, y, a través de ellas, la construcción de valores afrocivilizatorios. El estudio resalta la importancia de la educación con referencia a la cultura africana y las alianzas entre universidades y servicios de salud pública, utilizando un enfoque cualitativo y participativo como metodología. Los resultados demuestran la importancia de la educación antirracista para la promoción de la igualdad racial desde la infancia, y concluye que las actividades con referencia a la cultura africana son prometedoras para construir un futuro más justo e igualitario para la infancia negra.

Palabras clave: educación; racismo; antirracismo; infancia negra; herencia africana.

Introdução

Este trabalho é fruto das percepções de estudantes extensionistas do projeto de extensão Identidades Abertas, que compõem o eixo extensão do Laboratório de Estudos Africanos, integrado às atividades e à Terapia Ocupacional - ¹ *Işê* (Laboratório-*Işê*) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). O projeto se propõe a ofertar acesso às atividades afrorreferenciadas; estas apresentam como base teórica-metodológica o conhecimento de mestres e mestras tradicionais e de pesquisadores negros que priorizam epistemologias sobre o conhecimento da cultura africana e afro-brasileira para a promoção do cuidado afrorreferenciado para a população negra (Costa *et al.*, 2020). O público da ação infantojuvenil faz parte da população assistida por um serviço de saúde mental público, da cidade do Rio de Janeiro, parceiro do projeto de extensão.

¹ *Işê* s. Trabalho, serviço, ocupação.

As relações étnico-raciais nas Américas foram historicamente constituídas a partir de um processo estrutural de dominação, no qual elites europeias se beneficiaram da exploração, da escravidão e da desumanização de povos indígenas e africanos. Nesse contexto, a noção tradicional de “descobrimento” das Américas revela-se insuficiente e ideologicamente orientada, sendo mais apropriado compreendê-la como um processo de invasão e colonização, marcado pela imposição de estruturas de poder e pela subalternização de populações originárias e africanas.

A consolidação desse sistema implicou a centralização de narrativas por parte dos grupos dominantes, que se instituíram como referência universal de humanidade, legitimando seus próprios modos de vida, valores e formas de organização social. Tal processo produziu não apenas hierarquias materiais, mas

também epistemológicas, silenciando saberes e experiências de grupos historicamente marginalizados. Conforme afirma Paulo Freire, “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2003, p. 47), o que evidencia a necessidade de uma abordagem crítica e coletiva na compreensão e transformação dessas estruturas.

É necessário compreender que há uma disputa de narrativas. A história sempre foi contada por quem domina, propagando apenas um lado da história. A imposição de uma perspectiva eurocêntrica contribuiu para a construção de identidades baseadas na dicotomia entre “eu” e “outro”, reforçando processos de inferiorização e desumanização. Nessa direção, Frantz Fanon evidencia os impactos subjetivos da colonização ao afirmar que “o negro não é um homem. É um homem negro” (Fanon, 2008, p. 26), apontando para a marcação racial como elemento estruturante das relações sociais e da constituição identitária.

Quem determinou aqueles e aquelas que compõem as margens sociais, hoje, se coloca como centralizador de narrativas, do modo de vida, costumes e valores atribuídos oriundos de um único modo legitimado ao seu modo de existir. Diante disso, percebe-se como nesses processos de escravização dos povos originários e africanos houve também o etnocídio, como afirma Clastres:

O etnocídio, portanto, é a destruição sistemática dos modos de vida e pensamento de povos diferentes daqueles que empreendem essa destruição. Em suma, o genocídio assassina os povos em seu corpo, o etnocídio os mata em seu espírito (Clastres, 2004, p. 56).

Essa dinâmica de poder, marcada por tensões étnico-raciais, moldou a construção do que chamamos de Brasil. A partir dessa compreensão da raça como fator de subalternização, este artigo propõe um deslocamento crítico, buscando analisar como essas estruturas de poder moldam a experiência de vida da população negra ao longo da história e em sua construção sociopolítica. Dessa forma, compreende-se que a História não é um campo neutro, mas sim atravessado por disputas de poder e por narrativas hegemônicas que tendem a privilegiar os grupos dominantes. Torna-se, portanto, fundamental a adoção de perspectivas críticas que permitam a problematização dessas narrativas, bem como a valorização de epistemologias subalternizadas, contribuindo

para a construção de uma leitura mais plural e inclusiva da realidade histórica.

O Brasil é o país com o maior contingente populacional de pessoas negras fora do continente africano. Segundo a análise dos dados do segundo trimestre do censo IBGE de 2023, a população negra corresponde a 56,1% dos brasileiros; em contrapartida, a educação eurocêntrica se manifesta historicamente nas escolas. Como é possível tornar o ambiente escolar mais inclusivo e antirracista? Compreendendo que houve um legado de exclusão, foi realizada a análise de documentos históricos respaldados por legislações que possibilitaram a manutenção de um sistema escravocrata, como a Lei nº 1, de 1837, e o Decreto nº 15, de 1839, sobre a instrução primária na província do Rio de Janeiro, os quais impossibilitavam o acesso de negros livres ou libertos às escolas públicas. De acordo com o Art. 3º da Lei nº 1, de 1837, “são proibidos de frequentar as escolas públicas: os escravos, e os pretos africanos, ainda que sejam livres ou libertos” (Asphe, 1837, art. 3º).

Os processos de dominação, escravização e desumanização com a população negra escravizada nas colônias europeias, como citado anteriormente, reverberou nas diferentes estruturas da sociedade. Na educação, observa-se que o processo de apagamento da cultura africana e afro-brasileira interfere diretamente no processo de acessibilização dos estudantes, principalmente dos estudantes negros, às histórias e culturas africanas, as quais fazem parte da ancestralidade da população negra. Este fato é relatado em um trecho do trabalho de Machado e Oliveira, que diz:

A educação brasileira, em suas diferentes vertentes, com currículos e metodologias eurocêntricas, individualistas e excludentes, não nos ensina quem realmente somos, quais as histórias de reinados, lutas, resistências, re-existências dos povos africanos, afrodescendentes e originários; não nos ensina a sonhar, a aprender sentindo, ouvindo, lendo o mundo. Desconsidera as diversas possibilidades de letramento/aprendizagens existentes em nossa sociedade, que diferem do modelo eurocentrado, disciplinador e regulador de corpos e mentes (Machado; Oliveira, 2022, p. 2).

Na primeira década dos anos 2000, foram sancionadas duas leis: a Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008, que asseguram a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e

indígena nas escolas de ensino fundamental e médio, das redes pública e privada em todo o território brasileiro (Brasil, 2003; Brasil, 2008). Essas leis se fazem fundamentais no contexto escolar, pois contribuem para a abertura da construção de uma educação plural e antirracista desde o período da infância, visando à exposição das histórias das diferentes culturas existentes, promovendo um maior repertório de conhecimento para os estudantes e contribuindo para uma melhor construção do senso crítico da população, a fim de romper com o ensino de “[...] uma história única em que o ocidente se coloca como universal, modelo de humanidade, único capaz de conhecer, ensinar, forjar conhecimentos [...]” (Machado; Oliveira, 2022, p. 2).

A acessibilização da cultura africana e afro-brasileira durante a infância se faz importante, pois possibilita a construção da subjetividade das pessoas negras desde o início do ciclo de suas vidas. A utilização dos valores afro-civilizatórios, expressos por meio da interação entre a Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade, Cooperativismo/Comunitarismo, Ancestralidade, Memória, Ludicidade, Energia Vital (Axé) e Oralidade (Trindade, 2005), durante esse processo de construção da subjetividade negra, é potente, pois promove o resgate do cotidiano africano durante a experimentação cultural dos saberes tradicionais africanos e afro-brasileiros, abrindo caminhos para o conhecimento dos saberes ancestrais da população africana e afro-brasileira, alimentando o repertório cultural e identitário da população negra.

O presente artigo irá discorrer sobre a potência das atividades afrorreferenciadas nos processos de educação e cuidado durante o período da infância, dando continuidade à discussão sobre a temática da construção de uma educação antirracista e expondo a realização de atividades afrorreferenciadas como possibilidade de acessibilização dos saberes ancestrais para a população negra do Brasil.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem como base metodológica um relato de experiência (RE) de estudantes de graduação do projeto de extensão universitária Identidades Abertas (IA), vinculado ao eixo extensão do Laboratório *Ixé*. O referido projeto propiciou a escrita deste artigo, bem como o Troca de

Iṣẹ́, também componente do eixo extensão do Laboratório Iṣẹ́. As extensionistas, junto às coordenadoras, compuseram o corpo do projeto de extensão ofertado pelas docentes do curso de Terapia Ocupacional da UFRJ.

Desse modo, será desenvolvido um RE, com base nas atividades afroreferenciadas desenvolvidas pelas pessoas citadas, sobre a relevância de um projeto de extensão que priorize os processos de fortalecimento da autonomia e identidade infantil negra.

Durante os meses de março e abril do ano de 2024, a equipe do projeto de extensão Identidades Abertas realizou os processos de articulação e definição de acordos para estabelecer a parceria com um dispositivo da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), que faz parte da organização do Sistema Único de Saúde (SUS), na cidade do Rio de Janeiro.

De maio de 2024 até outubro de 2024, o projeto IA realizou ações uma vez por mês, no território em que o dispositivo se localiza. O público que participa das ações do projeto de extensão universitária é composto pela população infantojuvenil assistida por este dispositivo parceiro do IA.

O processo de criação das atividades propostas para cada mês da ação de extensão é construído coletivamente entre a equipe do IA e a equipe do dispositivo da RAPS parceira. Primeiramente, a equipe do projeto de extensão se reúne para pensar nas possibilidades de atividades a serem trabalhadas com o público da ação. Neste momento, acontece uma troca de saberes e indicações entre a coordenação, colaboradores e outros estudantes do projeto, resultando em um combinado da atividade a ser realizada na ação.

A participação no Grupo de Estudos *Ibirí*² auxilia no processo de construção das atividades afroreferenciadas, devido a promoção do contato com epistemologias de mestres e mestras dos saberes tradicionais africanos e afro-brasileiros.

A partir desse momento, as estudantes começam a elaborar um documento da proposta de atividade já discutida com a equipe do IA. Esse documento contém os seguintes tópicos: nome da atividade; pessoa ou dupla que propôs a atividade; requisitos; materiais necessários para a atividade; contextualização da atividade; objetivo da atividade; método da atividade e descrição das etapas da atividade.

Após a etapa de construção da proposta de atividade, na qual as estudantes são responsáveis por embasar a escolha e

2 *Ibirí* s. Símbolo de algumas divindades, feito de nervuras de palmeira, presas com tiras de couro e ornadas com contas e búzios.

criação da atividade com referenciais teóricos pautados nas epistemologias dos saberes tradicionais africanos e afrobrasileiros, é realizada uma reunião com a equipe do dispositivo parceiro a fim de apresentar a proposta de atividade e abrir um espaço para os integrantes deste dispositivo da RAPS trazerem suas contribuições para compormos juntos a atividade a ser ofertada para o público infantojuvenil no dia da ação.

Segundo Daltro e Faria (2019), “[...] o RE (relato de experiência) caracteriza-se por uma multiplicidade de opções teóricas metodológicas; e valoriza a explicitação descritiva, interpretativa e compreensiva de fenômenos, circunscrita num tempo histórico” (Daltro; Faria, 2019, p. 229), valorizando as considerações e implicações trazidas pelo olhar e experiência do pesquisador.

O artigo em questão utilizou uma metodologia de pesquisa qualitativa que, segundo Minayo, compõe uma das metodologias

entendidas como aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas (Minayo, 2006, p. 23).

Resultados

O Projeto Identidades Abertas visa fortalecer as identidades negras e mitigar os impactos do racismo presente na sociedade brasileira. Para materializarmos esses valores, presentes na metodologia de terreiro, aplicamos as metodologias da oralidade, ludicidade e musicalidade, valores civilizatórios afro-brasileiros elencados por Azoilda Loretto da Trindade:

Ao destacarmos a expressão ‘valores civilizatórios afro-brasileiros’, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil (Trindade, 2005, p. 30).

Como embasamento teórico-metodológico, utilizamos as epistemologias dos saberes tradicionais das culturas de matrizes africanas, e, também, a oralidade como princípio, trazida por

meio dos *Itans*³, mitologia presente dentro das religiões de matrizes africanas. Ao realizarmos a contação de histórias em roda e nos relacionamos com corpos não humanos, como búzios, plantas, terra e congas, buscamos fomentar o protagonismo infantil para que tenham o fortalecimento de sua autonomia e identidade.

3 *Itans* s. Mitos, histórias.

Assim como a figura da criança que traz essa perspectiva de futuro e continuidade, dentro das metodologias de terreiro destacamos a valorização e relevância dos mais novos, dos *abiãs* (aquele que ainda não nasceu dentro do culto de matriz africana), e promovemos o pertencimento dentro da sua comunidade, compreendendo assim a sua importância e continuidade dentro da comunidade.

Dessa forma, observa-se o impacto do racismo da linha racial sobre os corpos infantis negros e compreende-se que o mesmo racismo é uma forma de dominação ideológica que se sobrepõe à narrativas subjetivas.

Ao apresentarmos às crianças perspectivas afrorreferenciadas imprimidas na cultura africana e afro-brasileira, promovemos uma relação de vínculo delas com a cultura e possibilitamos que essas subjetividades negras na infância sejam fortalecidas, pois esses elementos culturais visam estimular novas formas de brincar, gerar memórias afetivas e proporcionar um espaço de acolhimento e integração para os participantes, fomentando uma cosmo percepção de pertencimento e comunidade.

Foram estruturadas 6 atividades afrorreferenciadas conforme descrito no tópico da metodologia. Nesta seção do artigo iremos realizar a exposição do conteúdo dos documentos das atividades confeccionadas pelas estudantes do projeto de extensão universitária Identidades Abertas durante os meses de maio a outubro de 2024.

No mês de maio de 2024, foi confeccionada a atividade intitulada “Procurando *išura*”⁴. Esta teve como base o conceito de Biointeração proposto por Nego Bispo, para basear que:

4 *išuras*. s. Tesouro.

Na cultura africana, os componentes físicos da natureza, sejam eles minerais, vegetais ou animais (e os humanos estão incluídos no grupo animal) apresentam igual importância e respeito, onde um componente afeta o outro, um componente respeita o outro, e juntos vivem em comunidade [...] (Santos, 2015, p. 85).

A atividade proposta era de caça aos tesouros que apresentavam ligação com a cultura africana e afro-brasileira. Os materiais da atividade, que no projeto IA chamamos de corpos não-humanos, consistiram em: feijão, folhas, caxixi, vaso de barro e boneca *abayomi*⁵. No documento da proposta, há a primeira etapa de apresentação desses corpos não-humanos para o público da ação, disponibilizando informações sobre o que é esse objeto, qual é o seu nome, qual é o seu mecanismo de funcionamento, e de onde ele veio, a fim de acessibilizar o conhecimento desses corpos não-humanos. Após essa etapa de apresentação, é realizada a etapa de caça aos tesouros citada anteriormente. Para concluir a atividade, é proposta uma finalização, abrindo espaço para que o público relate suas impressões sobre como foi a atividade.

5 *abayomi* *abay* = encontro e *omi* = precioso

No mês de junho de 2024, a atividade proposta foi “Em busca de *Omi*”⁶. A contextualização dessa atividade baseou-se na importância dos valores afro-civilizatórios (Trindade, 2005), promovendo o resgate ancestral dos saberes e fazeres da população africana, auxiliando na promoção dos processos de subjetivação das identidades negras na infância e na construção de uma educação antirracista. Também utilizamos a tese de mestrado de Lia Franco Braga (2019), que embasou a construção da proposta de atividade do mês de junho, com “referenciais contidos na cultura africana [...]”, realizando oficinas sobre as histórias dos *Itans*, utilizando como referência o livro de Reginaldo Prandi “Mitologia dos Orixás”, pautando-se na ludicidade, oralidade, corporeidade, música. Após essa etapa de contação de história, foi proposta uma ligação lúdica de brincar na terra, como as crianças da história estavam brincando, a fim de encontrar água da mesma forma que os *Ibejis* encontraram. Neste momento, falamos sobre como é importante cuidarmos da natureza e também foi cantada, pelas extensionistas e profissionais parceiros presentes, a Cantiga para *Oxum*⁷, adaptada por Stefanie Rodrigues, uma das extensionistas do IA.

6 *Omi*. Água.

7 *Oxum*. Divindade das águas dos rios que fertilizam o solo e que dá nome a um dos rios que corre na região de Ibàdàn, na Nigéria.

No mês de julho de 2024, foi proposta a atividade intitulada “Mão na Terra: Respeito à *Onilé*”. Na contextualização, foi relatado que na cultura africana e afro-brasileira a terra tem um lugar de suma importância e muito respeito, devido às suas propriedades de crescimento de plantas e de ser o lar de seres vivos. Porém, no mundo ocidental esse respeito pela terra tem se perdido, o que ocasiona a falta de cuidado com esse corpo não humano tão importante para os seres vivos.

Com o objetivo de resgatar o contato ancestral com a terra do público da ação e promover conversas e reflexões sobre o cuidado com o meio ambiente, a atividade intitulada acima foi confeccionada.

Após essa conversa, falamos sobre uma história da origem dos seres humanos que envolve heróis poderosos. E, na etapa seguinte, contamos essa história. Assim, elaboramos um texto adaptado e resumido, sobre a criação dos primeiros seres humanos na perspectiva do *Itan de Obatalá*, a história do Rei do Pano Branco (Marins, 2012).

Em seguida, perguntamos para as crianças se elas conheciam a história contada na etapa anterior e se já tiveram contato com o barro ou se já beberam água no filtro de barro, por exemplo.

No mês de setembro de 2024, a atividade proposta foi intitulada como “*Abebe*”, refletindo o que se vê”. Dentro das perspectivas de terreiro, a divindade *Oxum* carrega consigo o *Abebe*, leque arredondado podendo conter no seu centro um espelho, conhecida por ser a divindade do autoconhecimento, amor-próprio; o seu *abebe* reflete o que se vê, tendo como objetivo central da atividade relacionar a percepção da autoimagem e como o público infantojuvenil se percebe. Os corpos não humanos evocados nessa atividade foram: pilões, pigmentos naturais (urucum, raiz de açafrão, carvão ativado, alga verde, urucum, plantas), aglutinante (seiva da babosa), pincéis e tecido de algodão cru para a reprodução dos desenhos.

8 *Abebe s. Leque, ventarola*

A proposta teve como objetivo abordar sobre o colorismo de maneira lúdica, ao apresentarmos “A menina e o lápis de cor” (Martins, 2015), por meio das metodologias afroreferenciadas, colaboramos com a formação das subjetividades negras na infância, entendendo a importância de abordarmos a pluralidade em ser negro no Brasil e a diversidade de tons de pele existentes.

Após a etapa da contação de história “A menina e o lápis de cor”, iniciamos a etapa da experimentação do público da ação com os corpos não humanos presentes na atividade. Primeiro, foi proposto à população infantojuvenil presente que se olhasse no espelho e descrevesse qual a percepção de si. Depois, na etapa de experimentação, produzimos tintas com pigmentos naturais e propomos aos participantes uma expressão de seu autorretrato sob o algodão cru, utilizando os pigmentos naturais produzidos.

No mês de outubro de 2024, realizamos a atividade “Se conga não toca, criança não dança”. Levando em consideração os valores

afro-civilizatórios destacados por Azoilda Loretto da Trindade (2005). É imprescindível reconhecer o papel da musicalidade na formação de identidades negras, especialmente na infância. A cultura afro-brasileira, rica em ritmos e tradições, oferece um terreno fértil e possibilita a construção das subjetividades. O funk, ritmo que encontra suas raízes nos atabaques das religiões de matrizes africanas, emerge como uma poderosa ferramenta de aproximação e fortalecimento de identidades (Nascimento, 2008). A percussão ancestral, presente nos batimentos do funk, evoca memórias e ancestralidade, conectando as novas gerações à sua história e cultura. A música, enquanto forma de expressão e resistência, possibilita a libertação do corpo e da mente. Como afirma Beatriz Nascimento no documentário *Orí*⁹ (2008):

9 Orí s. Cabeça

Um corpo que dança é um corpo livre. Ao se expressar através da música, os indivíduos negros encontram uma forma de afirmar sua identidade, desafiar estereótipos e construir novas narrativas sobre si mesmos. A dança, em particular, representa um ato de libertação e afirmação da negritude, permitindo que os corpos se movimentem em harmonia com a música e com a história (Orí, 2008).

Discussão

A construção de propostas de atividades afrorreferenciadas para o público infantojuvenil assistido pelo serviço da RAPS se faz importante para disseminar os saberes e fazeres africanos e afro-brasileiros para as crianças participantes da ação, tanto negras como pertencentes a outros grupos étnico-raciais, com deficiência ou não.

O conceito de afro-acessibilidade cultural, elaborado pela terapeuta ocupacional Juli da Costa, ex-extensionista do IA, trouxe em sua essência a viabilidade do direito de pessoas negras com deficiência acessarem a cultura africana e afro-brasileira.

Falar de afro-acessibilidade cultural para o povo preto com deficiência é falar de uma perspectiva afrocentrada para a acessibilidade cultural. Isso exige do leitor a aproximação com o campo epistemológico negro para que haja a compreensão da singularidade que constitui o ser africano e/ou afro-diaspórico, isso porque sem compreender as ontologias que constituem as identidades essencialmente africanas não há

como favorecer acesso à cultura e as produções e fruição culturais potencializadoras da existência de pessoas negras (Costa, 2019, p. 15).

As atividades elaboradas pelas extensionistas, sob orientação da coordenação do projeto de extensão, buscaram proporcionar a cosmopercepção do público da ação ao valorizarmos as experiências sensoriais sonoras, visuais, mas também táteis, olfativas, gustativas, entre outras, pois nos baseamos neste processo de resgate da cultura africana que preza pela aproximação e respeito com a natureza, utilizando para isso a interação de corpos humanos e não humanos.

Os itens necessários para as ações de extensão são considerados fundamentais para a condução das atividades afrorreferenciadas. Com isso, no IA chamamos os materiais necessários para as ações de corpos não humanos, pois:

[...] dizemos que na clínica anímica estamos constantemente aprendendo a ouvir o que fala a argila, a tinta, a madeira, o metal, os fios e tantos outros objetos, coisas e materialidades quando estão na relação com os corpos-usuários nos espaços de interface arte, cultura e saúde. Ressaltamos que estamos constantemente aprendendo a ouvir esses corpos não-humanos porque eles não têm uma natureza dada e estática, eles também estão em processo de mutação, não desconsiderando que cada corpo não-humano tenha sua roupa singular. Assim, ao dizer que ouvimos a argila, nos aproximamos mais das percepções sinestésicas ¹⁹ do que da percepção inerente aos aparelhos auditivos ainda viciados na escuta da linguagem verbal (Costa, 2017, p. 132).

A produção e a oferta de atividades afrorreferenciadas, baseadas nos saberes de mestres e mestras tradicionais da cultura africana e afrobrasileira, na importância da afro-acessibilidade cultural e na valorização da energia dos corpos não humanos, foram fundamentais para ofertar a possibilidade de acesso aos saberes ancestrais pertencentes à população negra do Brasil e que, devido aos processos ligados ao racismo em suas diferentes vertentes, tiveram o apagamento da cultura negra, o que propiciou o adoecimento físico e mental causado pelo racismo (Nobles, 2009, *apud* Chaveiro, 2023).

As atividades afrorreferenciadas propiciam acesso à educação, cultura e cuidado a partir da lente dos povos tradicionais de terreiro, afetando todos os participantes, pois promovem processos de cuidado e resgates mútuos.

Considerações finais

O processo de pesquisa proporcionou um aprendizado significativo sobre educação, valores afro-civilizatórios e a atividade afrorreferenciada como caminho para infâncias negras. Observamos os valores afro-civilizatórios presentes nas culturas africanas que chegaram ao Brasil, buscando compreender como estes valores podem ser transmitidos com as atividades afrorreferenciadas.

Cada atividade abordou uma temática específica relacionada à cultura africana e afro-brasileira, utilizando diferentes metodologias, como, por exemplo, a oralidade, musicalidade, ludicidade e corporeidade. A atividade “Mão na Terra: Respeito à *Onilê*” buscou resgatar o contato ancestral com a terra e promover reflexões sobre o cuidado com o meio ambiente; a atividade “*Abebé*”, refletindo o que se vê”, teve como objetivo central relacionar a percepção da autoimagem com o público infantojuvenil; e “Se conga não toca, criança não dança” destacou o papel da musicalidade na formação de identidades negras, utilizando o *funk* como ferramenta de aproximação e fortalecimento. Além disso, essas interações proporcionam um aprendizado significativo sobre a importância da educação afrorreferenciada para a valorização das infâncias negras. O projeto IA estabeleceu uma parceria sólida com um dispositivo da RAPS, o que possibilitou a realização das atividades com o público infantojuvenil na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro.

Ao longo deste artigo, observou-se a potência a afro-acesibilidade cultural por meio das atividades afrorreferenciadas, valorizando os saberes dos mestres tradicionais, africanos e afro-brasileiros, e promovendo um movimento contracolonial que busca resgatar e enaltecer os valores afro-civilizatórios que antecederam a escravização no Brasil.

Observamos a relevância das atividades afrorreferenciadas no período da infância, pois estas contribuem para o fortalecimento da identidade e autoestima das crianças, além de promover o respeito à diversidade cultural e mitigar os impactos do racismo.

Referências

- ASPHE, Revista História da Educação. Lei n. 1, de 1837, e o decreto n. 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro - 1837. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v. 9, n. 18, p. 199-205, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/29135>. Acesso em: 2 abr. 2026.
- BRAGA, Lia Franco. Performance de corpos brincantes: cultura africana e artes cênicas na educação infantil. 2019. 214f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/28544> Acesso em: 2 abr. 2026.
- BRASIL. Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 2 abr. 2026.
- BRASIL. Lei n. 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Brasília, DF: Presidência da República, 2008". Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11645.htm. Acesso em: 2 abr. 2026.
- CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. Psicologia Africana e Clínica Afrocentrada: Estratégias e Ferramentas Metodológicas. **Revista da ABPN**, "v. 16, c. 1.p. 893-927", Edição especial, set. 2023. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/download/1590/1429/4589>. Acesso em: 2 abr. 2026.
- CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo Cosac & Naify, 2004". 328 p. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/403951/CLASTRES%2C+Pierre.+Arqueologia+da+violencia+pesquisas+de+antropologia+politica.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2024
- COSTA, Juli Cabral. **Afro-acessibilidade Cultural**. 2019. 51 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização "em Acessibilidade Cultural") - Departamento de Terapia Ocupacional, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- COSTA, Marcia Cabral. **Clínica anímica: agenciamentos entre corpos humanos e não-humanos como pro-dução de subjetividade**. Tese (Doutorado "em Psicologia") – Instituto de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Instituto de Psicologia, 2017.

COSTA, Marcia Cabral; SANTOS, Anna Carolina; SOUZA, Jean Vital; COSTA, Juli Cabral; PORTO, Ramires Milena; FREIRE, Sarah Rodrigues. Laboratório ISE: **Construções de estratégias para restituição histórica e existencial de pessoas negras. Revista Interinstitucional Brasileira De Terapia Ocupacional** v. 2, n. 5, p. 734-741, ago. 2020. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/36913>. Acesso em: 2 abr. 2026.

DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, abr. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revispsi/article/view/43015/29664>. Acesso em: 2 abr. 2026.

GERBER, Raquel(Produtora). **ÓRI**. Brasil: Estudios Mega, 2008. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgakx63IUUD8qOgIM2wKVI4n/view?pli=1>. Acesso em: 2 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/livros-e-colecoes/paulo-freire/pedagogia-do-oprimido.pdf/view>. Acesso em: 2 abr. 2026.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008. Disponível em: <https://fr.scribd.com/document/385519579/Pele-Negra-Mascaras-Brancas>. Acesso em: 2 abr. 2026.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **A inserção da população negra no mercado de trabalho. Rio de Janeiro**: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/infografico/2023/populacaoNegra/index.html?page=2>. Acesso em: 2 abr. 2026.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 249 p.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Ancestralidade e encantamento como inspirações formativas**: filosofia africana mediando a história e cultura africana e afro-brasileira. 2014. 240 f. Dissertação (Mestrado “em Educação”) Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16155>. Acesso em: 2 abr. 2026.

MACHADO, Adilbênia Freire; OLIVEIRA, Lorena Silva. Memórias ancestrais e filosofias africanas forjando caminhos para uma educação afrorreferenciada. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 17, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/19478/209209216149>. Acesso em: 2 abr. 2026.

MARINS, Luiz L. Òrìsà didá ayé: òbátálá e a criação do mundo iorubá. **África**, São Paulo, n. 31-32, p. 105-134, 2012. Disponível em: <https://revistas.usp.br/africa/article/view/115347>. Acesso em: 2 abr. 2026.

MARTINS, Silvana. A menina e o lápis de cor. In: RIBEIRO, E.; BARBOSA, M. (org.). **Cadernos Negros**: contos afro-brasileiros. São Paulo: Quilombhoje, 2015. v. 38.

MINAYO, Maria Cecília de Souza **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos modos e significados.** Brasília, DF: INCTI/UnB, 2015.

TRINDADE, Azoilda Loretto. **Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na educação infantil.** MEC – Valores afro-brasileiros na Educação. Boletim, v. 22, 2005. Disponível em: <https://reaju.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/valores-civilizatc3b3rios-afrobrasileiros-na-educac3a7c3a3o-infantil-azoilda-trindade.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2026.

Submetido em: 12-05-2025
Aprovado em: 13-04-2026



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.